

MUSIL, Robert. O jovem Törless.

Título original: Die verwirrgen des Zöglings Törless. Tradução de Lya Luft.

Porto Alegre: Editora Globo, 2003, 157 páginas.

FLAVIA BRUNO*

O livro “O jovem Törless” de Robert Musil, escrito em 1978, é um livro sobre o espírito, isto é, sobre uma força que nos atravessa e excede o nosso próprio eu. A intensidade dessa força aparece logo nas primeiras páginas, quando o autor descreve a chegada do personagem principal ao famoso Internato, centenário, fundado por uma ordem religiosa, responsável por educar os filhos das melhores famílias do país e distante da cidade onde sua família residia e o jovem fora estudar por sua iniciativa e vontade.

Ocorre que, nesse primeiro momento, esta força está disfarçada de dor e saudade. As atividades escolares, as atrações educativas e recrea-

tivas ou mesmo as demais distrações do internato não eram capazes de envolvê-lo, muito menos de aplacar a imensa tristeza que ele sentia e se materializava em choro e soluços noturnos.

Törless experimentava um sentimento de não pertencimento, de inadequação que, à primeira vista, parecia ser relativo à falta que sentia dos pais e de sua casa, tanto que diariamente escrevia cartas para eles. No entanto, ao amadurecer essas sensações, o jovem percebe que este afeto tão repentino pelos pais era algo estranho e novo, já que não o sentia habitualmente – ele chegara a rir quando sua mãe chorara na primeira vez que se despediram.

* Flavia Bruno é doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: profabruno@gmail.com

Assim, esse afeto se revela ser algo mais “complexo e indefinido, pois o objeto dessa saudade, a imagem dos pais, já nem estava contido nela” (p. 9). Revela-se mesmo como uma força espiritual que se apodera de sua alma, que sob o pretexto da dor da saudade de casa, fez-se aflorar.

Seus pais, amorosos que eram, sofriam pela ausência do filho, e, portanto, de modo espelhar, tomavam aquele sofrimento como uma consequência natural das circunstâncias, não podendo atinar que era apenas um sintoma, deixando escapar seu real sentido. Törless passara por uma “evolução espiritual” e aquilo fora a primeira tentativa do jovem de desdobrar suas forças interiores (p. 10).

Törless “possuía excessiva inclinação pelas coisas do espírito” (p. 14) e dentro dele crescia a expectativa de que algo grandioso acontecesse, algo jamais visto, surpreendente; algo que lhe soasse não como uma falsa emoção, que se diferenciava da banalidade cotidiana, da alegria fácil do esporte ou do prazer primitivo de viver.

Se já era difícil compreender o que sentia, imagina falar sobre isso. Quando se começa a tentar descrever essa força, as palavras falham fragorosamente. Como está na epígrafe do livro: “Tão logo expressamos uma coisa com palavras, e estranhamente

ela como que se desvaloriza. Pensamos ter mergulhado no mais fundo dos abismos, e, quando retornamos à superfície, a gota d’água que trazemos nas pálidas pontas dos nossos dedos já não se parece como o mar de onde veio. Imaginamos haver descoberto uma mina de tesouros inestimáveis, e a luz do dia só nos mostra pedras falsas e cacos de vidro. Mas o tesouro continua a brilhar, inalterado, no fundo escuro” (MAETERLINCK apud MUSIL). Toda representação sempre fará exhibir sua insuficiência e impotência diante de uma intensidade que vem como um sobressalto, uma tonteira, um susto, “impossível de jamais se resolver em pensamentos ou palavras (p. 27).

Como diz Musil, “não é tão ruim como as palavras fazem parecer; é algo mudo... um nó na garganta... algo imensamente aumentado, onde não somente se vê tudo mais nítido, mas também se percebem coisas que sequer existem” (p. 19). Ou seja, ele se sentia atingido por uma força espiritual incomum que o diferenciava dos demais.

A rotina do colégio, a repetição dos horários e atividades só revelava a Törless o vazio da vida interior do homem comum, mas ele sabia existir não um vazio, e sim uma “fome interior” (p. 25) que o devorava e ele esperava aflorar de forma definitiva.

Afastando-se da vida comum do colégio, Törless experienciava uma certa solidão, na qual pululavam as partículas desse mundo interior em eferescência. Claro que não se tratava de uma solidão psicológica, e sim de uma solidão metafísica que a todo tempo a ele se insinuava. Diz Musil: “o que nos profana é uma solidão a mais, uma outra nova parede de trevas” (p. 28).

O autor chega mesmo a dizer que a paixão adolescente é um efeito dessa sensação de solidão: “a paixão é apenas um refúgio, no qual estar com o outro significa solidão duplicada” (p. 33). De certo modo, é o que Estela Canto dizia a respeito de Jorge Luís Borges: “o que nos unia não era o amor, mas o espanto” (1991, p. 137). Inclusive, quando essa sensação é apaziguada, a paixão acaba, pois não percebendo mais o que os amantes têm em comum, eles não mais se reconhecem, e a primeira paixão se torna a primeira decepção (p. 33).

Para além do mundo burguês do internado, onde tudo acontecia de modo sensato e regrado, ele experimentava outro mundo dentro de si: um mundo sombrio, misterioso, com surpresas inimagináveis e estes dois mundos pareciam excluir-se mutuamente (p. 45). Era como se do seu mundo corriqueiro se abrisse uma porta que o levava a um mundo ardente, apaixonado, devastador (p. 51).

Törless estava dominado por uma peculiar sensação, a indicação de uma característica que o diferenciava dos outros rapazes que se mostravam tão apaziguados. Essa sensação era impossível de resolver em palavras ou em pensamentos. Toda racionalidade a ela aplicada não levava a nada. Essa força é algo que ultrapassa o entendimento, selvagem, aniquilador, cuja visão o torturava demais (p. 70).

Por isso Törless se aproxima do professor de Matemática, posto que passa a sentir um respeito novo por essa disciplina. Em suas aulas, o professor trazia a noção de infinito, noção que continha algo terrivelmente inquietante (p. 70), e que durante sua vida escolar estivera domesticada, limitada aos cálculos que aprendera, de repente se libertara como algo que ultrapassa o entendimento, algo selvagem, aniquilador, cuja visão o tortura demais (p. 70), passando de tarefa morta a coisa viva (p. 83).

Törless sabia que uma força distante e obscura o acompanhava e mesmo o ameaçava, trazendo a ele uma perplexidade inacreditável e espalhando-se por toda a parte (p. 71) e esta força não podia ser compreendida com a lógica normal, com as considerações usuais da razão ou do bom senso. O professor de Matemática compreende a sensibilidade

de Törless e lhe diz: “as coisas supra sensoriais, que ficam além dos severos limites da razão, são muito singulares” (p. 85).

A Matemática também trazia a ideia de números imaginários, números inexistentes, mas que no entanto, pode-se realizar operações matemáticas com eles. A raiz quadrada de um número negativo não é um valor real, apenas imaginário. O respeito de Törless por esta disciplina advinha de suas operações com números irracionais, com as divisões de frações que não têm fim, da concepção da ideia de que duas paralelas se encontram no infinito. Essas ideias excitavam o jovem e tinham o poder de desorganizar seus pensamentos claros, abrindo um fosso em suas ideias, através do qual ele podia ver uma amplidão imensa e indefinida (p. 90). Ele chega a pensar que “se a gente tivesse escrúpulo, não haveria matemática” (p. 82).

Todas essas ideias mexiam profundamente com ele, porque ele sentia que seu próprio corpo ansiava por elas. Um impulso misterioso o levava a elas, alterando tudo o que até então fora claro e organizado. Ele sabia da existência de singularidades que ficavam muito além dos severos limites da razão (p. 85) e se perguntava como combinar isso com o restante dentro dele (p. 91). Ele

dizia: “sinto algo em mim, e não sei ao certo o que é” (p. 98). O que para ele era evidente era que um ‘algo’ existia e que agia sobre ele. Definitivamente, era algo que escapava à razão; antes, era como se ele possuísse um sentido a mais, o que o leva a questionar se a sua natureza era de um visionário ou um alucinado (p. 98).

De qualquer modo, ele sabia possuir um a qualidade singular e se indagava se as outras pessoas também sentiam essa estranheza que o atormentava. “Os outros não sentem isso? Como é que essas coisas acontecem dentro deles? Não acontece nada?” (p. 90). Será que só ele sentia essas coisas? Será que tal força só gritava em seu interior, só perpassava a sua existência, ao passo que os outros continuavam sua vida diária comum e pacífica? Diz ele: “será lei geral que exista em nós algo mais forte, mais belo, maior, mais apaixonado, mais sombrio do que nós mesmos? Algo sobre que exercemos tão pouco poder?” (p. 102). Nas palavras do seu amigo Beineberg vem a constatação da diferença que havia entre ele e os demais: “você pode ver como as pessoas pensam bobagens sobre o mundo. A visão delas é ilusão, é logro, é debilidade mental! Anemia cerebral! O raciocínio delas só permite que inventem aquelas explicações científicas; fora disso o raciocínio congela”

(p. 91). Era como se ele possuísse um sentido a mais que os outros, mas este sentido ainda se revelava de modo incompleto (p. 99).

Que fique claro que esta força não se confunde com algo sobrenatural, místico ou fantasioso. O próprio Törless faz questão de dizer que não busca nada de sobrenatural. “É exatamente o natural que eu procuro... mas que apesar disso, não compreendo” (p. 92-93).

Em seguida, essa força espiritual começa a se manifestar pelo caminho da sensualidade e, especificamente, da sensualidade carnal. O colega Basini desperta nele o belo e ele não consegue ficar indiferente ao poder da beleza. O esbelto corpo do adolescente era para ele um impacto, um assombro e lhe proporcionava um envolvente encanto. Era como se aquele intenso sentimento tivesse se incorporado em uma pessoa, se materializado em desejo. Nesse sentido, a história de Musil não pode ser reduzida à história de uma relação homossexual entre amigos do internato de W. A proximidade com Basini deve ser compreendida como um caminho para essa singularidade se manifestar, agora usando a máscara do afeto. Tanto é assim que o próprio Törless afirma que o que sua alma tinha de oculto e sufocante transbordava em sua relação

com Basini, embora tudo isso tivesse pouco a ver com ele (p. 121).

O que fora despertado como uma paixão, agora evidenciava-se algo mais. O amigo se tornara apenas o objeto simbólico e passageiro desse desejo, desejo esse que crescia para além de Basini, “tornando-se uma avidez nova e desnorteada” (p. 121).

Seu interesse não era pelo rapaz especialmente, mas pelo que ele chama de “evolução espiritual da alma” (p. 124), isto é, algo que se põe a crescer dentro de nós, mas que desaparece quando nos ocupamos das tarefas comuns do dia a dia. “Ele sabia que perseguia algo indefinido, num caminho que conduzia ao seu mais remoto interior; e isso o deixava exausto. Habituara-se a esperar por descobertas extraordinárias, coisas ainda secretas, e fora assim que chegara aos estreitos e tortuosos aposentos da sensualidade. Não por perversão, mas devido à sua momentânea desorientação psicológica” (p. 127). Em outras palavras, a sensualidade fora o caminho que se apresentara, fora a tentativa de chegar pelo que lhe tocava tão profundamente e que ansiara desvendar.

Törless tenta explicar aos professores o que sente. O Diretor do internato acha tudo obscuro demais, porque é um professor, isto é um homem da razão. Torless sabe que clareza desta singularidade só advém quando se

reconhece a limitação do nosso intelecto (p. 130). Diz ele: “não é possível superar esses assuntos só com nosso pensamento. Precisamos de uma outra certeza interior que nos ajuda, pois não conseguimos progredir só com o raciocínio” (p. 151).

O intelecto sempre será impotente diante dessa força singular que anima o espírito. Quem experimenta essa perplexidade sabe que o conhecimento não caminha num chão firme e seguro, mas que é, a todo tempo, entrecortado por abismos. Do resto, todas as certezas não passam de ilusão. Agora, “um pensamento... só viverá no instante em que alguma coisa, que já não é o pensar, que já não é lógica, se acrescenta a ele, de modo que sentimos a sua verdade... como uma âncora que dilacera a carne viva e ensanguentada... Uma grande compreensão só se realiza pela metade no círculo de luz na nossa

mente; a outra metade se realiza no solo escuro do mais íntimo de nós e é, antes de mais nada, um estado de alma em cuja ponta extrema, como uma flor, pousa o pensamento” (p. 153).

Não sendo de ordem racional, intelectual, quase não se pode explicar ou mesmo se exprimir em palavras. Uma vida silenciosa, obscura, sufocante, convulsionante, “algo para cuja explicação todos os meios de que dispunha por enquanto eram insuficientes” (p. 156), algo que não podia ser avaliado nem com a razão nem com conceitos, fossem esses matemáticos ou morais.

Em sua juventude, Törless já tinha compreendido que “existem ao redor do ser humano fronteiras finas, facilmente extingúveis, e que sonhos febris se esgueiram em torno de nossa alma, corroendo os muros firmes e abrindo trilhas sinistras” (p. 156-157).